

NOTA

Por meio desta, os estudantes da graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia, através de seu Diretório Acadêmico, pronunciam-se sobre o incêndio do Museu Nacional (MN/UFRJ), ocorrido no último domingo, dia 02 de setembro de 2018, na cidade do Rio de Janeiro.

Muito se tem falado sobre o apagamento de duzentos anos da história do Museu Nacional e do aspecto histórico de seu acervo, transformados em cinzas há dois dias. Mais do que referenciais do passado, perdemos sentido futuro. O fogo que destruiu o prédio consumiu juntamente um lastro científico, que além de representar anos de trabalho e empenho de muitos pesquisadores que terão ainda que lidar com o vazio deixado pelas próximas páginas em branco de suas pesquisas, significa também o esvaziamento da nossa esperança na sobrevivência da cultura e ciência do Brasil. Era um acervo de memória e de informação.

Não se trata de uma fatalidade, uma tragédia inevitável, mas de uma processual e sistemática desestruturação da Cultura, da Educação, e da Pesquisa. Da inviabilização das políticas públicas democráticas pelo corte ostensivo de verbas de subsistência para as instituições. E isso significa atraso das folhas de pagamento, inadimplência com os fornecedores, corte de serviços essenciais como água e energia elétrica, impossibilidade de manutenção predial e de planos básicos de segurança patrimonial, cancelamento de bolsas acadêmicas - já desfasadas, mas das quais dependem tantos estudantes, cujas vidas a Educação transformou. São inovadoras perspectivas científicas e novas perspectivas de humanidade que vão sendo apagadas. O investimento público que é recusado para a Cultura e a Educação é o mesmo que patrocina regalias em espaços de poder, e são parte das mesmas ações que impulsionam a engrenagem que desinstrumentaliza a democracia, e que retira da sociedade os acessos à arquitetura política, sustentando-a, contudo, sobre os nossos ombros. O incêndio do Museu Nacional é mais uma etapa deste projeto transgovernamental tantas vezes citado por Darcy Ribeiro. Não há crise para o que é prioridade. Há escolhas de investimento. Há dolo no crime contra o patrimônio público. E a intenção dolosa não foi dos gestores que registraram, anunciaram, denunciaram os riscos iminentes aos quais se submetia aquela instituição museal. Apontamos para o topo da estrutura governamental. É contra essa ordem pública que investimos nossa resistência e insurgência. Nossa luta é a favor do ontem, do hoje e do amanhã, através dos Museus, Bibliotecas e Arquivos públicos, dos Centros de Referência Cultural, os Núcleos de Memória, das Universidades e Institutos de Pesquisa e das Escolas. Os sinais de fumaça da Quinta da Boa Vista nos deixam mensagens importantes. Em especial, àqueles que trabalham com o patrimônio e as nossas heranças, naturais e culturais.

Nossa solidariedade ao Museu Nacional, por sua perda inestimável, a cada um que passou e ainda estava por ali, e que com tanto heroísmo demonstrou o compromisso que é trabalhar com cultura, para quem o Museu é uma missão. E nossa solidariedade a cada Museu e instituição cultural deste país, que vive por um triz.

Salvador, Bahia, 04 de setembro de 2018.

Diretório Acadêmico Maria Célia Moura Teixeira
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal da Bahia